

## Santas Propagandas

### Em Busca da Santidade—Parte 9

#### 1 Pedro 2.9–10

### Introdução

Em nosso estudo anterior, falamos sobre alguns objetos que foram leiloados e vendidos por preços altíssimos. Evidentemente, a beleza estava nos olhos de quem os viu.

Agora, existe outra gama de objetos caríssimos—eles são valiosos apenas por causa de quem os possuiu. Quanto mais investiguei o assunto, mais estranho ele ficou. É inacreditável o dinheiro que as pessoas estão dispostas a pagar por um objeto que pertenceu a algum famoso.

Um desses objetos foi um jarro de pedra dentro do qual uma atriz exalou seu fôlego na ocasião de uma premiação do cinema. O jarro foi vendido na internet por centenas de dólares.

Outro objeto foi uma bola de pingue-pongue amassada que pertenceu a uma celebridade. Ele estava limpando sua garagem e a encontrou. Daí, decidiu leiloá-la na internet para ver o que aconteceria. A bolinha acabou sendo vendida por milhares de dólares. O indivíduo que deu o maior lance explodiu de alegria com sua compra.

Por mais loucas que essas coisas pareçam, a verdade é universal: coisas ordinárias se tornam especiais simplesmente porque pertenceram a alguém ou algo que julgamos importantes.

Por exemplo, eu tenho alguns itens que julgo importantes. Não renderão tanto dinheiro quanto àquela bolinha de pingue-pongue, mas são extremamente significantes para mim. Ganhei ambos de presente no decorrer dos anos.

Um deles é uma página da Bíblia edição de Genebra, que foi impressa em inglês em 1572. A Bíblia de Genebra foi importante por vários motivos. Por exemplo, ela foi a Bíblia que os peregrinos europeus levaram para a América do Norte. Cerca de quarenta anos depois, quando o famoso rei James da Inglaterra comissionou uma edição da Bíblia (a edição King James), os tradutores copiaram em grande parte o texto já impresso na Bíblia de Genebra. Além disso, ela foi a primeira Bíblia a adicionar números de versos para facilitar o uso. A Bíblia de Genebra ficou conhecida como a primeira Bíblia de estudo, contando com comentários nas margens dos principais reformadores da época, homens como João Calvino e John Knox. Para o indivíduo que aprecia a história de publicações da Bíblia, especialmente no período da Reforma, esse objeto é de tremendo valor.

O segundo item não é Escritura inspirada, mas é inspiradora para mim. É uma página dos esboços de uma das pregações de Charles Spurgeon, datada do final dos anos de 1800.

Seu costume era o seguinte. Quando pregava seu sermão no domingo pela manhã, um de seus assistentes, que estava na plateia, copiava cada palavra que ele dizia. Na segunda-feira, antes de sua mensagem ser entregue aos jornais para publicação, Spurgeon pegava as anotações, sentava-se no seu escritório e as editava. Ele excluía algumas sentenças e adicionava outras, o que é encorajador a qualquer pregador. Eu não sou o único que na segunda pela manhã pensa como deveria ter comunicado melhor a verdade de Deus no domingo! Spurgeon se sentia da mesma forma.

Quando Spurgeon editava seus sermões na segunda, ele usava uma caneta de cor roxa. Ele preferia essa cor porque ela lhe lembrava da realeza do Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Por isso, essa página que eu tenho de seu esboço está cheia de rabiscos roxos com as edições de Spurgeon, feitas com sua própria mão, preservadas até hoje. Isso serve de mais uma ilustração da verdade de que coisas ordinárias se tornam valiosas por causa das pessoas a quem pertenceram.<sup>1</sup>

Essa verdade me veio à mente enquanto estudava 1 Pedro 2.9. Se o Senhor Jesus aparecesse hoje em nosso meio e exibisse seus tesouros, ele não apontaria para a página de uma Bíblia antiga ou dos sermões de um pregador famoso. Ele apontaria, sim, para algo extremamente valioso para ele—você. Você, crente, acontece de ser a coleção valiosa de Cristo. Perceba como o crente e a igreja são descritos em 1 Pedro 2.9:

*Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.*

Jesus Cristo exibiria você como tesouro pessoal! Na verdade, um dia ele fará isso conosco

como objetos de sua glória, glorificados e redimidos (1 Pedro 5.4).

Agora, se um objeto comum se torna especial por causa do indivíduo a quem pertence, imagine o que isso faz de mim e de você, já que pertencemos a Cristo.

O mundo do século primeiro—e o de hoje—dizia aos crentes: “Vocês são pessoas indesejadas, desprezadas e indignas!” Isso porque enxergavam Cristo da mesma maneira. Poucos versos antes, descobrimos que o mundo rejeitou Cristo, a pedra angular (v. 7); os descrentes tropeçam nele (v. 8). Nós, por outro lado, o aceitamos; ele é precioso para o crente (v. 4). Por causa de sua graça, ele nos garimpou do poço de morte e pecado (v. 5) e nos moldou para nos encaixar de maneira singular na sua coletânea dos redimidos, conhecidos como igreja viva.<sup>2</sup>

Pedro nos diz: “Vejam bem, é impossível que vocês sejam sem valor, pois pertencem a Deus. Não tem como serem insignificantes porque nós, pessoas ordinárias, nos tornamos tesouro especial porque pertencemos ao Senhor.”

Então, vamos observar como Deus em sua Palavra descreve seu tesouro especial—eu e você—aqui em 1 Pedro.

## **A Descrição do Tesouro**

### *1. Raça eleita.*

Mais uma vez, Pedro destaca a redenção do crente que deve sua salvação à eleição da graça de Deus. Não somos aleatórios no plano de Deus; fomos escolhidos.

Por muitos anos antes de Pedro escrever essa carta, essa foi a linguagem utilizada para se referir à nação de Israel como o povo escolhido de Deus. E eles permanecem sendo povo de Deus.

Futuramente, o Senhor em sua bondade os conduzirá ao arrependimento. Os israelitas serão reconstituídos como nação que recebe seu Messias no final da Tribulação (Zacarias 12; Romanos 11).

Aqui, Pedro emprega essa linguagem para descrever o crente e a igreja do Novo Testamento. Pertencemos a Deus; somos sua raça eleita.

O termo *raça* traduz uma forma no grego que se refere a pessoas que pertencem a um ancestral comum, que compartilham origem.<sup>3</sup> E esse é exatamente o nosso caso, não é verdade? Nascemos de novo como membros da família de Deus, tendo recebido Jesus Cristo como Senhor e Salvador (João 1.12). Todos compartilhamos a mesma origem do novo nascimento em Jesus Cristo.

O evangelho criou uma nova raça formada por pessoas de toda língua, tribo, cultura e classe social. Deus escolheu indivíduos diferentes e fez deles uma nova família. E quando o evangelho se torna a única explicação para a variedade de pessoas reunidas num só local e adorando a Deus juntas, a glória de Deus é manifestada.<sup>4</sup>

Como explicamos a igreja? Somos todos diferentes, mas compartilhamos um ancestral—o Senhor do universo que nos trouxe da morte para a vida. Por causa disso, temos o mesmo sobrenome, originado precisamente daquele que nos deu nova vida. Nosso novo sobrenome é *cristão*.

É muito interessante que, quando estudamos a origem desse nome, descobrimos que não foi a igreja que o cunhou pela primeira vez. Ele apareceu no século primeiro como uma combinação do grego para *Messias (Christos)* e de um sufixo latino. O resultado foi *christiani* ou *cristão*.

Em Roma, as pessoas geralmente eram chamadas pelos nomes dos líderes que adoravam e reverenciavam. Nos dias de Pedro, havia os

*Augustiani*—os que adoravam César Augusto; havia os *Herodiani*—os que devotadamente apoiavam e seguiam Herodes.<sup>5</sup> O termo *Christiani* foi empregado por cidadãos romanos em Antioquia como um termo depreciativo para aqueles que seguiam um indivíduo crucificado que alegava ser o *Christos*—Messias. Em Atos 11, vemos que ser chamado de *Christiani* não era um elogio.

Nós, porém, gostamos desse nome, não é verdade? É uma honra usá-lo publicamente como o nome daquele que seguimos e adoramos. E também gostamos quando inesperadamente nos deparamos com pessoas que usam esse nome.

Outro dia, eu estava numa loja de autopeças. O funcionário atrás do balcão me reconheceu e disse: “Olá, pastor.” Tivemos uma boa conversa.

Eu o havia conhecido um ano antes quando fui fazer um serviço no meu carro. Ele me ajudou com um problema na bateria. Essa foi a primeira vez que nos falamos, mas quanto mais conversávamos, mais convencido fui ficando de que era crente. Ficou óbvio pelo seu comportamento e linguajar. Eu ia perguntar para qual igreja ele ia, que é a minha maneira de deixar peças de carro para trás e falar sobre justificação pela fé. Antes que perguntasse, ele me perguntou: “Você é crente? Respondi: “Sou.” “Eu sou também.” Então, eu disse: “Eu sabia!” Ele disse: “Eu sabia também.” Eu retruquei: “Mas eu sabia primeiro!”

Ali mesmo na loja de autopeças, dois homens, um negro e um branco, começam a conversar normalmente como se fossem irmãos. Por quê? Porque somos! Pertencemos à mesma raça—a raça dos redimidos, dos escolhidos para pertencer ao mesmo ancestral, que é o nosso Senhor.

2. Pedro continua e diz que pertencemos não somente à mesma raça, como também ao mesmo *sacerdócio real*.

Para os leitores judeus, essa expressão—*sacerdócio real*—causaria certa confusão. E eles ficaram confusos também com os ofícios de Jesus Cristo, que é tanto rei como sacerdote. Em Israel, os ofícios de rei e sacerdote eram sempre mantidos separados.<sup>6</sup> Eles ficaram confusos ao ver que Jesus, um descendente de Davi, da tribo de Judá, alegava ocupar um ofício reservado para os descendentes de Arão e da tribo sacerdotal de Levi.

Conforme Hebreus 5–6, a resposta para isso é simplesmente que o sacerdócio de Jesus não derivava de Arão, mas de um sacerdócio superior— a ordem de Melquisedeque, que precedeu a de Arão.<sup>7</sup>

Não temos tempo suficiente para traçar toda a história agora, mas Melquisedeque, que aparece em Gênesis 14, foi um modelo no Antigo Testamento para o sacerdote real ou sacerdote da realeza—ele não herdou a função de outro, mas foi apontado por Deus. Ele se torna um retrato do Messias vindouro, o qual também seria apontado por Deus o Pai como sacerdote-rei.<sup>8</sup>

Por causa de nossa união com Cristo, herdamos o direito de ser membros da realeza e sacerdotes ao mesmo tempo. Nós temos sangue real correndo nas veias. Por isso, podemos cumprir as funções do Novo Testamento de sacerdote, oferecendo sacrifícios de louvor, intercessão, adoração, evangelismo, serviço e muitos outros.

Mas o melhor ainda está por vir. No livro de Apocalipse, o apóstolo João revela que os crentes-- a igreja redimida—“serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele os mil anos” (Apocalipse 20.6). O que está envolvido nessa função, não sabemos ao certo. Podemos apenas imaginar.

3. Pedro continua e adiciona uma terceira frase para descrever o tesouro de Deus. Ele chama a igreja de *nação santa*.

O termo grego para *nação* é *ethnos*, que se refere a uma comunidade de indivíduos unidos pelas mesmas leis, costumes e interesses em comum.<sup>9</sup> Conforme já vimos, ser *santo* ou *hagios* significa ser separado para Deus, ser distinto.

Pedro, portanto, afirma, com efeito: “Como uma nação de crentes separados para Deus, nós somos diferentes das demais nações ao nosso redor.”

E como somos! As leis, costumes e interesses dessa nação santa—a igreja—frequentemente diferem da cultura, costumes e interesses da nação ao nosso redor. E Deus espera que esse seja, realmente, o caso.

Os crentes primitivos a quem Pedro escreve violaram abertamente muitas normas culturais de sua geração. Eles enxergavam o casamento e a criação de filhos de forma diferente; para eles, a humildade era uma virtude, algo que a sociedade da época via como fraqueza.

Muitos dos crentes primitivos lendo 1 Pedro desobedeceram à Lei das Doze Tábuas do mundo romano. Uma das leis decretava que bebês deformados deveriam ser mortos. A fim de manter a linhagem sanguínea romana o mais superior possível, bebês com deficiências não poderiam viver. Até mesmo Sêneca, o mentor de muitos imperadores e que viveu no século primeiro, defendeu o infanticídio, dizendo: “Afogamos crianças que no nascimento são fracas e anormais.” Essa prática continuou ao redor do mundo e ainda ocorre em algumas culturas hoje.<sup>10</sup>

Evidentemente, o valor da vida humana aumenta com a presença do evangelho. Com sua ausência, a vida humana se torna praticamente sem valor.

No final do século segundo, um líder da igreja chamado Clemente de Alexandria escreveu que o governo romano e seus cidadãos eram conhecidos por salvar filhotes de passarinhos e outros animais. Por outro lado, não havia valor moral que os impedisse de abandonar ou abortar seus próprios filhos.<sup>11</sup> Muitos líderes da igreja condenaram publicamente a prática de vender restos mortais de bebês abortados para a fabricação de produtos de beleza.<sup>12</sup>

O filósofo grego Platão defendia que o Estado tinha o direito de forçar uma mulher a abortar a fim de controlar a população. Aristóteles falou o mesmo. Esses filósofos têm muito em comum com nossa sociedade hoje.

Os crentes contrariavam a filosofia que desvalorizava a vida humana e valorizava a vida animal, algo que muitos países, inclusive o nosso, fazem hoje. Por exemplo, se você matar, quer acidentalmente ou de propósito, um tamanduá-bandeira, pagará uma multa enorme e pode até ser preso. Enquanto isso, podemos matar um bebê no ventre; somos encorajados a fazer isso.

Veja bem: o evangelho não eleva o valor da vida humana somente; ele também significa que você contrariará a sociedade, costumes e leis que acontecem de refletir o estilo de vida romano—e brasileiro. Pedro escreve que somos uma *nação santa*, o que significa que você será diferente.

E a propósito, Pedro não escreveu que a igreja é uma nação de sucesso, nação poderosa, nação rica, nação respeitada, nação protegida. Não. A igreja é simplesmente chamada para ser *santa*.

4. Finalmente, Pedro adiciona que a igreja é *povo de propriedade exclusiva de Deus*.

Somos um povo peculiar, singular de Deus; somos propriedade pessoal de Deus;<sup>13</sup> somos seu tesouro especial em exibição.

Você, crente, acontece de ser um tesouro pelo qual Deus esteve disposto a morrer. Ele não o comprou com alta soma de dinheiro ou porque conhecia as pessoas certas. Pedro já disse antes nessa carta

*que não foi mediante coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados do vosso fútil procedimento que vossos pais vos legaram, mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo (1 Pedro 1.18–19).*

Ele se sacrificou para inseri-lo em sua coleção particular de tesouro. Portanto, você deve toda a significância e valor que possui ao fato de pertencer a este dono—Deus.

## A Exibição do Tesouro

Então, a pergunta final é simples: o que faremos com tudo isso? Qual deve ser nossa resposta? Pedro fornece a resposta com uma declaração de propósito no final do verso 9: *a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.*

O verbo traduzido como *proclamardes* significa “tornar conhecido” ou “anunciar”.<sup>14</sup> Então, você, crente, é não somente o tesouro especial de Deus, mas também é a propaganda especial de Deus. Não ficamos escondidos numa vitrine em algum lugar; ficamos em público. O anúncio de nossa propaganda é o seguinte: *Deus nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor (Colossenses 1.13).* Em sua infinita graça, Deus instalou um interruptor; quando a luz do evangelho glorioso acendeu, as trevas fugiram (2 Timóteo 1.10).

Um dos lemas que se tornou bastante comum na Reforma foi “ex tenebras, lux”—“depois das trevas, luz.” Isso porque as trevas do falso ensino haviam encoberto a igreja por muitos séculos. Mas Deus usou homens e mulheres corajosos para acender a luz do evangelho verdadeiro, afrontando sua sociedade e até mesmo a igreja, intimando todos a retornar à verdade das Escrituras. A luz do evangelho foi acesa e o cenário na Europa mudou quando as trevas fugiram da luz.<sup>15</sup> Somente Deus é capaz de fazer isso; somente ele pode nos retirar das trevas e nos dar a luz que Pedro chama de *maravilhosa*.

Então, o que fazemos com isso? Pedro diz que nossa obrigação se torna anunciar *as virtudes* de Deus. Ou seja, conversamos sobre ele; nos vangloriamos dele; exaltamos sua glória. Declaramos suas *virtudes*, ou seja, não só o caráter de Deus, mas também seus atos heroicos.<sup>16</sup>

Um tempo atrás, eu e minha esposa cuidamos de dois de nossos netos por dois dias. Não sei quem cuidou de quem, mas tenho certeza de que minha esposa fez a maioria do trabalho. O Nicholas tem 3 anos. Enquanto brincava, o que mais queria fazer era mudar de um super-herói para outro. Ele tinha algumas peças de roupas—uma máscara do Homem-Aranha e o capacete do Homem de Ferro. Seu predileto era o Homem de Ferro. Ele me dizia que o Homem de Ferro fazia isso e aquilo... corria, pulava e batia no Lex Luthor. O coitado confundiu os filmes. Houve uma hora que eu até brinquei. Fui o Homem de Ferro sentado na minha cadeira de balanço! Foram dois dias de grande animação; um super-momento após outro.

Uma coisa ficou clara para mim: muitas vezes, eu não fico tão animado com Jesus Cristo como meu neto fica com o Homem de Ferro. Que tipo de propaganda fazemos? Devemos revelar ao mundo

ao nosso redor a capacidade que nosso Senhor tem de realizar atos heroicos!

*Louvar-te-ei, SENHOR, de todo o meu coração;  
contarei todas as tuas maravilhas.*

(Salmo 9.1)

*Tu me tens ensinado, ó Deus, desde a minha  
mocidade; e até agora tenho anunciado as tuas  
maravilhas.*

(Salmo 71.17)

Pense no seguinte: se a única coisa que as pessoas em sua esfera de influência soubessem de Deus fosse aquilo que você lhes conta pessoalmente, será que saberiam algo a respeito dele ou estariam completamente no escuro?

Neste ponto, Pedro evidentemente acha que é uma boa hora para nos lembrar de alguns atos bastante heroicos.

- a. Primeiramente, ele nos lembra de que Deus milagrosamente nos incluiu em seus planos.

Veja o verso 10: *vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus*. Que maravilha! Vocês não pertenciam, mas agora pertencem. Para Pedro, vale a pena lembrar de quem éramos e isso obviamente intensifica nossa gratidão por aquilo que agora somos.<sup>17</sup> Você se lembra de sua vida a.C.—antes de Cristo? Pedro quer que você se recorde. Não demorará muito até que se lembre porque pode ecoar o lema da Reforma—“depois das trevas, luz.”

*Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá  
a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração,  
para iluminação do conhecimento da glória de  
Deus, na face de Cristo.*

(2 Coríntios 4.6).

*Pois, outrora, éreis trevas, porém, agora, sois luz no Senhor.*  
(Efésios 5.8).

Por isso, estamos *dando graças ao Pai, que [nos] fez idôneos à parte que [nos] cabe da herança dos santos na luz* (Colossenses 1.12). Deus nos *chamou das trevas para a sua maravilhosa luz!* Nós somos propagandas vivas dos atos heroicos da graça de Deus e do evangelho.

- b. Segundo, Pedro deseja nos lembrar não somente de que Deus decidiu nos incluir milagrosamente em seus planos, mas que ele também milagrosamente nos perdoou.

Observe a segunda parte do verso 10: *vós, sim... que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia.*

Você se lembra? Estava sob julgamento; o veredito era de culpado. Daí, Deus o chamou do desespero para sua eterna misericórdia. A misericórdia é o que nos resgata de tudo aquilo que merecemos. Somos uma propaganda de Deus anunciando ao mundo que pecados podem ser perdoados para sempre.

Pedro deseja nos lembrar de que o Rei dos céus nos incluiu em seu plano pela graça e nos perdoou por sua misericórdia. Somos culpados de toda espécie imaginável de crimes; nossa sentença eterna e o veredito já foram proferidos. Entretanto, Jesus, por causa da posição que ocupa, nos perdoou por

sua misericórdia quando nos arrependemos e lhe confessamos nossos crimes. Não fizemos coisa alguma para merecer tamanha bondade; foi tudo pela graça e misericórdia.

Um comentarista britânico fez uma colocação interessante sobre essa passagem. Uma viúva suplicou a Napoleão, certa vez, por seu filho que caíra em desfavor aos olhos do imperador por algo errado que tinha feito. Napoleão disse à senhora que seu filho não merecia misericórdia, ao que ela sabiamente respondeu: “Se ele merecesse, não seria misericórdia, e misericórdia é a única coisa que peço.”<sup>18</sup>

Um Puritano expressou o assunto poderosamente numa oração que fez:

*Poderoso, porém misericordioso, como pode ser  
que o Rei altíssimo dos céus estende graça a mim.  
Meus pecados eram muitos, nem um meus méritos,  
Mas tu és o poderoso, porém o misericordioso.*

*Justiça e poder estão em tuas mãos,  
Mas desceste para carregar a vergonha do  
homem.*

*Neste santo mistério difícil é de acreditar,  
Perdão mostrado por lealdade...*

*Poderoso, porém misericordioso, como pode ser  
que o Rei altíssimo dos céus estende graça a mim.  
Meus pecados eram muitos, nem um meus méritos,  
Mas tu és o poderoso, porém o misericordioso.*

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 29/01/2017

© Copyright 2017 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

- 
- <sup>1</sup> William Barclay, *The Letters of James and Peter* (Westminster Press, 1976), 199.
- <sup>2</sup> Adaptado de Michael Bentley, *Living for Christ in a Pagan World: 1 and 2 Peter* (Evangelical Press, 1990), 76.
- <sup>3</sup> Daniel G. Powers, *1 and 2 Peter, Jude* (Beacon Hill Press, 2010), 86.
- <sup>4</sup> Editado de Juan R. Sanchez, *1 Peter for You* (The Good Book Company, 2016), 87.
- <sup>5</sup> Eckhard J. Schnabel, *Acts, Exegetical Commentary on the New Testament* (Zondervan, 2012), 524.
- <sup>6</sup> J. Allen Blair, *Living Peacefully: 1 Peter* (Kregel, 1959), 109.
- <sup>7</sup> John Phillips, *Exploring the Epistles of Peter* (Kregel, 2005), 96.
- <sup>8</sup> D. Edmond Hiebert, *1 Peter* (BMH Books, 1984), 143.
- <sup>9</sup> Alvin J. Schmidt, *How Christianity Changed the World* (Zondervan, 2004), 48.
- <sup>10</sup> Ibid., 53.
- <sup>11</sup> Ibid., 59.
- <sup>12</sup> Phillips, 98.
- <sup>13</sup> Hiebert, 144.
- <sup>14</sup> Ibid.
- <sup>15</sup> Editado de R.C. Sproul, *1–2 Peter* (Crossway, 2011), 70.
- <sup>16</sup> Fritz Rienecker e Cleon Rogers, *Linguistic Key to the Greek New Testament* (Regency, 1976), 751.
- <sup>17</sup> Hiebert, 146.
- <sup>18</sup> Derek Cleave, *1 Peter, Focus on the Bible* (Christian Focus Publications, 1999), 65.